



# O Sardão

Publica-se nos dias em que sahir  
 FOLHA ILUSTRADA  
 COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA



MUNICIPIO DE BARCELLOS

BIBLIOTECA

2.º Anno

Barcellos, Janeiro de 1912

C. E. S.  
BIBLIOTECA

N.º 16

Director e editor, **Porfirio G. dos Santos**Composição e impressão **Typ. Minerva** — Famliação

Redacção e administração, — Rua D. Antonio Barroso

## FELICITANDO

Quando após longa separação nós tornamos a vêr uma cousa ou uma pessoa que nos é querida, baila-nos a alegria, em freneticos can-cans, nos olhos, *empanzina-nos* o jubilo a alma.

E' o que acontece com *O Sardão*.

Já viamos rostos tristes, pupilas caídas, lagrimas perolando olhos gaiatos e maliciosos, perenes de saudade por aquele que tantas cocegas... de riso, tantas enebriantes sensações, lhes fizera noutros tempos.

Mas agora descontam o perdido... A alegria de braço dado com a satisfação, vae transformar rostos de côres cadavéricas, em um rubro alaranjado, causar apoplexias de riso, nos velhos, que-abrião lez-a-lez, em franca gargalhada, a boca desguarnecida de caninos e incisivos.

E em que boa ocasião ele vem!!

Enquanto o velhissimo Padre Eterno, de mau amor, nos foi penitenciando com fortes bategas de impertinente chuva, semeiando dozes de catarreiras, e fazendo florescer os verdejantes nabaes, o leitor, que apreço não dará agora ás pilherias, que o nosso *animalsinho*, de cauda a dar a dar, lhes levará a sua pacata mansão?...

Estamos pois no firme proposito de não deixar-n'os adoecer jámais o nosso pequeno reptil, para quem já compramos ao Maciel uma moderna capa impermeavel, uns sapatos de borracha ao Aurelio, e um guarda-chuva de cabo de junco, com um kilometro aproximadamente de diametro, que o *blindará* contra as *pingantes* constipações, e pelo que esperamos tambem que os nossos leitores correspondam cavalheirescamente com o *xarope*, que o nosso cobrador, lá lhes irá buscar pontualmente.

E ele que durante a sua perigosa doença nunca esqueceu os seus leitores, ao apresentar-se agora, ainda de guardanapo ao peito, com os beiços besunta-

dos do assucar em ponto das rabanadas e de onde pendem *estalactites* de mexidos, levanta bem alto a sua taça transbordando do d'Anadia, grita a fartos pulmões, todo pulinhos de contente:

*Aos nossos colaboradores e assignantes, boas-festas, e um ano novo muito feliz.*

## De Sardão a Sardão

Vinha surgindo o outono e, das montanhas proximas, vinham uns sopros gélidos que levavam em correrias loucas as folhas dos arvoredos.

Despiam-se de matises os campos e não havia pelos valados gorgeiros de aves, nem flores perfumadas sob as quaes, á hora da sesta, nos iamos esconder. Era a guarda avançada do inverno e o «Sardão» bem o sentia já, não tendo a vivesa, elasticidade e movimentos rapidos que nos meses passados o animavam. Tinha que recolher-se á sua toca obscura, ouvir o sussurro longinquo dos homens na lucta pela vida, fazer indifferente ás questões de toda a natureza, dissipações e desmandos, vinganças e rancores.

Foi o, que fez, Alguma coisa tem distinguído, contudo, lá do fundo do seu buraco, que ora o tem feito sorrir, ora chorar de desgosto.

Por entre as urzes, por entre os «tôjos» por entre os matos, sons distinctos, inconfundiveis, chegavam aos seus ouvidos habituados á solidão.

Mas como é que o «Sardão» retirado no fundo da sua toca, podia distinguir, podia ouvir o quer que fosse que o trouxesse ao facto das quesões em evidencia?

Muito simplesmente. Por entre as urzes, por entre os «tôjos», por entre os matos, passavam caçadores, de matilhas, em busca de algum descuidado coelho, e, então, ora sentados descançando, ora andando vagorosamente, eles comentavam os sucessos, tirando conclusões que, a maior parte das vezes faziam rir o «Sardão».

Eis, por exemplo, uma conversa ouvida sobre obras, a dois caçadores adestrados em má lingua:

—E' uma eira, não ha que ver.

—Mas para que? —Dizia o outro.

—Ora para quê! Para secar mostarda.

—Para secar mostarda! Estás doído!

—Sim homem. Foi feita a pedido do João Candido.

—Pois engánas-te, aquilo é projecto para uma grande obra.

—Ora adeus!

—E' o que eu te digo. Ninguem me tirá da cabeça de que aquilo é a base para um monumento á dinastia dos Rochinhas.

—Pode ser, pode. Mas... espera lá. Quem é que me diz que aque'a curva cimentada não é senão uma taboleta fixa para serem nela estampados os reclames ás pilulas de Pink, ás maquinas Barlock e ao café d'A Brasileira!

—Olha que não deixas de ter rasão mas o que eu mais creio é que, na verdade aquilo é reclame ao autor da obra...

\* \* \*

Ouviu isto «O Sardão» e poz se a cogitar em tão anigmatica conversa que, até hoje ainda não pôde decifrar.

Outra vez, tambem por entre o *tôjo*, dois professores, a caminho das suas escolas, falavam da reforma ortografica.

—Eu ainda a não li, mas, por um officio que recebi, deferir deve ser escripto com dois f. f.

—Hom'essa?!

E' o que eu te digo (e tirando do bolso um papel, mostrou-o ao seu companheiro).

—Então tambem comicio se deve escrever com dois s. s.?

E' o que ahi vê.

—Ora deixa-me ver o envelope (lendo). Ao cidadão Del... phino.

—Esta tambem está boa? Defino com ph!

—Vai lendo, vai lendo...

—E tal etc... porque Maria da Fonte foi uma *heroia*...

—Esta agora é que é forte! De quem é a assignatura?

—Vê.

# Dynastia dos Rochinhas



## Rochinha IV, o Vassourinha

—Não quero ver mais nada Vou rasgar o meu diploma de professor!

—Homem...

Que queres tu que eu faça. Não posso suportar colegas desta força!

Muitas mais coisas ouvia e observava o «Sardão» que o faziam ora encolher-se, ora estirar-se de gôso,

Um domingo de sol, saiu ele por momentos fóra da sua toca atraído por um pronunciado cheiro a alcatrão.

Andava no ar o quer que fosse de extranho e nos rostos dos mortais barcelenses divisava-se um aspecto de terror

Um homem de má catadura, tez bronzeado como a do celebre iscarote dos rinta dinheiros, em passos miudinhos e apressados passava, bufando, as ruas da vila, como cão de boa raça, a farejar, a farejar...

Que haverá?—Pergunta a o «Sardão» a si mesmo.

Insondavel misterio! E o tal cheiro a alcatrão era de cada vez mais pronunciado!

Sabito, dos lados do jardim, dois policcias de olhar feroz acompanhavam um homem com a se era atitude usada para com os assassinos.

—Foi este—dizia a multidão—

E os policcias, com o seu olhar pareciam dizer: foi este mesmo, vai paga-las caras.

E o «Sardão», rastejando, seguiu-os.

Passava um garoto a cantar, e foi então que o «Sardão» decifrou o enigma.

Eis as cantigas:

Menina tome cuidado (bis)  
Que o seu guita a não espiche  
Fuja lhe sempre ao terçado (bis)  
Que lhe póde pingar pixe...

Minha vassoura  
Só tu és minha  
Fazes de noite  
Muito boa partidinha.

Varre, varre, minha vassourinha,  
Abana, abana meu abanador.

O meu amor é bombeiro (bis)  
Mas não deixo que m'esguiche  
Sem que eu veja bem primeiro (bis)  
Se na agulheta tráz piche...

Minha vassora  
Só tu és minha  
Fazes de noite  
Muita boa partidinha...

Varre, varre minha vassourinha  
Abana, abana meu abanador

Sim. Foram estas as cantigas que puzeram o «Sardão» ao corrente do caso. Realmente, numa porta fronteira lá estavam as provas do crime. Pixe na fechadura, pixe no puxador e pixe a'é no corredor. Brincadeira estúpida, sem duvida. Mas tudo *empixado* e, sobretudo, nas nobres residencias de apagadas evidencias.

Todo o dia viu o «Sardão» prender a torto e a direito e, por ultimo, soltos todos os supostos autores de tão pegajosa pintura.

Recolheu a toca e mais coisas tem observado que mais tarde contará.

Por agora limita se a cantar como o tal garoto:

Foi superior ao maxixe (bis)  
Certa dança que se viu  
Vassourinha sobre o pixe (bis)  
E o pixe nunca saíu...

Minha vassoura,  
Só tu és minha  
Fazes de noite  
Muito boa partidinha ..

Varre, varre minha vassourinha  
Abana, abana meu abanador.

Em duvidoso lugar (bis)  
*Sem saber* ninguem se aniche  
Pois póde se escorregar (bis)  
Sujar-se a gente de piche .

Minha vassoura,  
Só tu és minha,  
Fazes de noite  
Muito boa partidinha...

Varre, varre minha vassourinha  
Abana, abana, meu abanador.

Picador.

## MUSEU

O *plastron* bicolor do Bórgas  
As calças d'alcapão do dito *sportmen*  
Os penantes *Colaços* da firma Bragança  
& Sexta-feira

O guarda-pó do *Sé Brito*  
A elegante *voiture* do correio d'Espozende

O collete de serguilha do Anthero

O jazigo da calçada

A *fôlha de couve* do Valença

O inseparavel bahusinho do mesmo *Carbonêlo*

A porta furta-côres do ex-Centro *Zé (escolar)*

A caróça de *caul chou* do enviado especial

A fébre das pêras barbaças.

A cabeleira pombalina do electricista Silvinha

O *sombréro* á Kemp Serrão do ginguista Dr. Assis

As rasgadas chapeladas do *Sé Gomes*.

A caixa de esporins do *Valete de Paus*

O chá e as torradinhas aos supostos conspiradores

As experiencias petrolerias do *sport*

Os bonés impremiaveis dos empresarios.

O *cartucho* do Robinet

O chapéu á Japonez do Canjinhas

O *automovel* do recoveiro Pereira

Os *biascos piorgaccos* do *Sé Brito*

As tombas graniticas dos degraus da escada da Camara

A *chiba* do Bôto.

## Barcellos ao domingo

Quando o sol irrompe de traz do monte d'Airó, e vai subindo lentamente no horizonte, qual pélla en rane, incandescente, irradia por uma força sobrenatural, surprehende por esses caminhos ranchos de camponeses, que alegres se dirigem ao mercado da vila.

Eles de fatos domingueiros: jaquetinha cur a e calça apertada, que tambem não prima pelo comprimento, deixan-lo ver as meias de côres variegadas, presente, quem sabe, se das namoradas. Elas, córadas e

frescas, de saia rica de baeta crepe, com barra larga de veludo, de chale de merino com franjas e compridas, de côres berrantes e belas, onde pousam, numa indolencia e mole, tendo por almofada, peitos eburneos, as arrecadas e cordões de ouro, que o Juca, com a labia de todos conhecida, lhes soube impingir.

E' depois do sol nado que, segundo o costume, começa a vida de Barcelos.

Principiam enão a aparecer taramelando de chinelinhas cantantes de verniz, as creadinhas ladinas, que todas chics, de braço enfiado nos arcos das cestas, se dirigem para a praça a fazer as compras que a *se- nhora* na vespera lhes encomendara, por entre bocejos, na cosinha.

E' atraz delas, qual avalanche de Cupidinhos, correm os caixeiros, de azitas abertas e trinados na garganta, anciosos por poderem, mercê do descanso semanal, aguçarem a lingua e n doce e *lucrativo* arrulhar.

Quem tambem não falta logo que o sol lhe bate nas vidraças é o nosso Humberto, a pentear as aneladas melenas, no espelho a fixo da sua janela, gritando com voz de trovão a todos os que passam, conhecidos, uns bons dias que fazem abalar os céus e a terra.

Mais acima o Francisquinho da Pharmacia, o viciado mas emerito jogador das damas, varre entre nuvens compactas de pó e com a cara por lavar, o estabelecimento, depois de ter matado o bicho com *almudes* de salsaparrilha.

Na pharmacia do João Candido, que á noite se transforma em belicosa esquadra policial, o praticante varre as *poriscas* que os guardas, na vespera lançaram indecentemente e a granel para o chão, de mistura com algumas grosas de escarros. E' ali o parlamento onde algumas entidades em triste evidencia, discutem acaloradamente as asneiras e inconveniencias que dia a dia se vão pondo em scena nes a malfadada vila.

Por dentro dos vidros das janelas do Hotel Vinagre vê-se correr lépida a vassourinha, na quotidiana limpeza.

E' depois da *missa do côro*, que começam a aparecer os dandys e os sportmens. As bicycletas saiem das garages, os môtos principiam-nos a abalar, com o estrepito dos seus motores, a construcção dos nossos tympanos.

Aqueles de colarinhos de palmo e meio, cache-col enrolado no pescoço, o bigode ameaçando os donos de eterna cegueira, com as suas pontas aceradas, passeiam na Rua Direita, como todas torta esperando que comece a missa das 11, a missa do *lig-lif*.

E' nas pharmacias que se reúnem a maior parte dos barcelenses aos domingos, por serem estes uns dos poucos estabelecimentos que estão abertos naqueles dias.

E' como ha neles tanta gente, bom é que passemos revista ás duas principaes: João Candido e *Antiga moderna*.

Na primeira, á porta um 5 reis de gente, que pela cara nos pareceu um habitué das capelas do Bom Jesus do Monte, tirar-nos a vista para o interior. Noutra o enorme corpanzil do Paula, de beija cahda poter ficado sem o almejado logar de carcereiro, tira-nos igualmente a vista,

Na *Antiga Moderna*, estamos todos, porque eu tambem lá costume estar, prompto e perfilado, qual granadeiro do Imperio, para quando passarem as damas, nas suas *toilettes dernier-cri*, me desfazer, assim como os outros, em bombasticas barretadas.

Depois ouvimos o D. Prior, o novo, que o velho fugiu, ralado de saudades pelo tempo da fartura e das congruas, contar scenas do registo até a meio-dia, hora a que o Francisquinho nos põe no olho da rua sem a menor cereinonia.

De tarde, apenas as bicycletas em corridas loucas, o João Pacheco passeiando *cautelosamente* na sua môto, elegante e *silencioso*, até á ponte a vêr... se o rio com a cheia já cobriu a azenha do Lapuz.

Uma paz pôdre e estúpida não havendo o menor atractivo senão o passeio, o melonho passei... Por isso, agora me lembra, o Agostinho sapateiro fez uma casal...

A' noite vê-se passar, na Rua Direita, iluminada por candieiros da «Luz Idial» a luz mais pura e bela que ainda foi dado admirar aos olhos dos pobres m rtaes, a gente para o cynematographo.

Precisamente 10 minutos depois de romper qual cometa de cauda reluzente, o fogueté que o Laranginha confecionou, ouve-se uma campainha no atrio, outra na p'ateia, começa o Julio a tocar a pianola, apagam-se as luzes e veem-se no pano as fitas que, ora nos fazem rir, ora nos fazem comover.

E' com este passatempo que se acaba o domingo em Barcelos e os seus habitantes se vão deitar depois de terem gosado a valer, para de novo se entregarem ao outro dia á aborrecida labuta da semana.

## Nova descoberta

A cada passo estamos vendo nos jornaes a noticia de novas invenções e aperfeiçoamentos de maquinas amplamente utilisaveis á pobre humanidade definhante.

Ora é Edison descobrindo novos segredos na electricidade, ora madame Curie indo buscar propriedades desconhecidas aos corpos, decompondo-os e constituindo outros por meio da chimica. Emfim; a humanidade avança e evoluciona prodigiosamente no campo vasto da sciencia. Não ha muito tempo ainda, que o aviador *Vedrinés*, como qualquer pardal que do nosso telhado se dirige ao quintal do visinho a comer-lhe as ervilhas, deu um bonito passeio de Paris a Madrid passando os Alpes e elevando-se á baixa altura de 2:000 metros acima do nível do mar. Mas isto não é nada, mesmo nada, comparado com o invento a que nos queremos referir e de que é auctor um modesto merceeiro da nossa pacata villa, cujos resultados são de primeira ordem e que, consta, está a ser posto em pratica por todos os seus collegas.

O nosso grande inventor mettem ha tempos na sua loja um pobre marçano que, acostunado á brôa vinagrenta da

sua terreola, achou bastante doces e agradaveis os figos de ceira e, por consequencia logica, resolveu, sempre que podia, metter alguns d'esses saborosos fructos seccos nos bolsos da sua peiada roupa de cotim. Ora o patrão, que ia notando uma consideravel falta de pezo nas ceiras, resolveu espionar o pobre empregado até que um dia descobriu a causa de tanto prejuizo no seu negocio. Levou muitas noites a pensar e bastantes dias a matutar na fórmula de evitar tamanho descalabro que pouco a pouco ia arruinando, até que um acaso feliz o fez descobrir um meio facil de pôr termo a tamanha calamidade.

Estava sua esposa a coser uns fundilhos d'umas calças suas, — d'elle — quando no seu cerebro entrou, como um relampago, a luminosa ideia que logo quiz pôr em pratica: — Coser os bolsos ao marçano! Dito e feito. Pegou n'uma agulha albardeira enfiada em fio de vela e zás.

Com meia duzia de pontos bem puxados o rapaz ficou inutilisado. As ceiras conservam o mesmo peso mas o joven empregado definha a olhos vistos.

Os jornaes não noticiaram esta descoberta por encherem as suas columnas só com assumptos conspirateiros, mas a patente de invenção já foi registada com o n.º 1:072.

O distinto advogado sr. Zé da Graça offereceu-se para defender a conducta do pobre marçano e justificar a necessidade que ha em lançar mão da ceira em momentos de debilidade. Muito bem.

Ao auctor de tão original descoberta os nossos parabens.

## Anedotas autenticas

No centro Antonio Zé (escolar), dois professores diplomados discutiam acaloradamente a lei de separação.

A certa altura o mais baixo em estatura e mais alto em instrução atira com estas frases latinas ao seu diplomado collega: — *Dura lex sede-lex*.

Ao que o outro retorquiu: Sim. Efectivamente é isso: — *A Deus o que è de Deus, e a Cesar o que è de Cesar*.

Em viagem, um cavalheiro com o seu bebé olhava de quando em quando a través dos vidros da carruagem, o panorama que aos seus olhos se ia apresentando.

Subito, numa residencia de brasileiro, avista o bebé um lindo pombal, e grita ao paezinho, todo entusiasmado:

O' papá, olhe que linda czinha? Para que será? — O papá com ar solene:

Aquilo, menino, é um galinheiro para pombas.

Um cavalheiro bem conhecido nesta vila, pela sua alta cultura intelectual, contava a uns amigos a historia de certo bauquete por ele oferecido, a uma alta personagem.

Imaginem vocês — dizia ele — que só de carne de vaca comprei meia vitela.

# POETAS

Já no numero passado fizemos referencias aos poetas barcellenses que anonimamente nos deliciam com a maviosidade das suas estrophes. Ha poucos dias recebemos pelo correio mais duas poesias que uma carinhosa mão anonima se lembrou de nos enviar.

As quadras ao S. Braz e St.º Amaro, pela sua simplicidade encantadora e pelo espirito que encerram são dignas de ser incluídas nas mil trovas populares e de serem cantadas nos arcaes do Cavado, pelas nossas lavadeiras em tardes mornas de estio ou á viola, em noites de luar, pelos bohemios barcellenses á saída do Torres.

São tudo o que ha de mais soberbo e póde alcançar cem dias de indulgencias quem as cantar á porta das capellas dos respectivos santos.

Sobre o soneto, diremos apenas que não leio nos veio á memoria o *N.º Cavado do Sepulchro* de Soares de Passos, e que entre uma e outra poesia nos sentimos indecisos, inclinando-nos, apesar d'isso, um pouco para *O espectro do Alcaide*, por ser a evocação d'um facto historico Barcellense tão bellamente descripto por Alexandre Herculano.

Dois inéditos de primeira ordem que o *Sardão* gostosamente publica, enviando parabens ao seu auctor.

## O ESPECTRO DO ALCAIDE

### As ruínas do Castello de Faria

Bate no muro a sombra do cypreste  
Não deve a meia noite longe estar  
E' mansa a brisa que a nudez investe,  
E' bello e meigo e limpido o luar.

Venus campeia n'amplidão celeste  
E ao longe brama gemebundo o mar  
Tanto silencio sobre o monte agréste  
Que triste noite para quem pensar

Por estas horas tão mortas, sozinho,  
Vagueia um vulto por ali chorando  
E recostado á beira do caminho.

Durante a noitê passa contemplando  
Que quero Alcaide d'esse *improprio* moinho!!?  
E' o patrão do seu feito memorando.

B. Antas.

Tem aqui cabimento uma poesia que compozemos por occasião da fundação da confraria e quando eramos ainda criança.

Ella ahí vae para o leitor se rir um bocado. (1)

O' S. Braz de Barcellinhos  
Traja bem e do mais caro,  
E não faz uzo da barba (2)  
P'ra arrelhar Santo Amaro.

Agora tem umas luvas,  
Que mandou vir do Grandella,  
E os sapatos de encomenda  
São da mais fina vitella.

(1) Este bocadinho de prosa tambem é do auctor.

(2) Allude se a uma lenda que o povo dá como certa dizendo que um prefo é negro.

Prometteu de dar no junho  
Quando fôr a romaria,  
Cães cestinhas e tremoços  
Aos irmãos da confraria (3)

De Lisboa n'uma carta  
Recebeu por novidade,  
Que se ganhou a demanda (4)  
Foi com favôr da irmandade.

B. Antas.

(3) O arcebispo primaz D. Antonio José de Freitas Honorato foi o primeiro provedor d'esta confraria.

(4) Allude-se a outra lenda popular do Santo, em trazer demanda com Santo Amaro, de quando chover no seu dia estar de sol o de S. Braz

## Senado Mancipal

Sessão de ...

A hora marcada na ampulheta da secretaria e estando presentes os senhores camaristas excepto dois que faltaram por não estarem na occasião, foi aberta a sessão que como sempre foi muito concorrida.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior foi resolvido substituir na supra dita a era cristã pela de Cristo.

A seguir o sr. Carneiro pedindo a faldura fez vêr á camara os maus tratos de que estão sendo victimas os animaes da sua especie que tam relevantes serviços prestam ao homem quer emquanto vivo fornecendo-nos a fina estôpa quer depois de morto dando-nos os seus belos *caixões*.

Como mais ninguem quizesse fazer uso da palavra passou-se á leitura dos seguintes

### Requerimentos:

Do sr. João Casto pedindo para usar uns colarinhos ida e volta para Bragança já fóra da moda.

Informe celeiro.

—Do Quin Ka+gaio pedindo auctorização para substituir o sol de tripa da sua guitarra por um fá de bexiga.

Para resolver.

—Do guarda-portão Buissa para apurmar a sua carqueija visto pingar na do *visinho*,

Informe o perito Bazilio.

—Do sr. Trompa para dar uma *desenferrujadela* ao instrumento do seu nome devido ao pouco uso que lhe tem dado.

Indeferido atendendo aos males que d'ái lhe pôdem resultar.

—Da Confraria do Terço pedindo para substituir o azul dos *batandras* por outra qualquer côr mais patriótica.

Informe conductor municipal.

—Da Seráninha Canária para abrir um postigo nas *trazeiras* do seu kiosque que dá para a feira das vassouras.

Informe Junta de Parochia.

—Do padre João para emendar ás calças nas perneiras mais cincoenta centímetros.

Inteirada.

—Do Veterano para substituir o badalo da sineta da cadeia por outro mais *avantajado*.

Para resolver.

—Do sr. David para acertar o seu relo-

gio pelos candieiros da ponte e untar a *pendula* do mesmo com azeite barato.

Quanto á primeira parte deferido; e quanto á segunda para resolver.

—Do Anthero Faria para por em pratica um projecto de pêra conforme a planta junta.

Informe conductor municipal.

—Do Pedro do Janeiro participando o resultado das eleições de S. Martinho que acabam de o eleger juiz.

E nada mais havendo de que tratar foi encerrada a sessão até á proxima, sendo ordenado o bodo aos crédores que para tal fim se habilitaram.

## "Inclinato"

Os redactores d'este periodico humoristico, reunidos em conselho sardonico, nos altos da redacção, ao ar livre, tendo em vista que os srs. accionistas da empresa «A Jaqueira», ao apresentar-se-lhes as respectivas cautelas da nossa loteria se recusam a pagar, resolveu por motu proprio e unanimidade—6 votos contra 0—prorogar, até ao numero seguinte, o praso para pagamento de seus debitos, ficando isentos do juro da móra.

Caso o não façam, ver-nos-hemos forçados a cumprir o § 0 do artigo *Garetilha* da Constituição cá da casa, publicado em o numero 1.º do nosso jornal.

A doutrina sobre que versa o referido artigo abaixo transcripto, convem que seja conhecida por todos e mui especialmente por aquelles nossos presados amigos.

E' elle da seguinte robustez carnuda:

«Todos os individuos, quer d'um ou outro sexo, que se neguem a pagar os recibos da sua assignatura, depois de competentemente avisados, por editos publicados no *Sardão*, incorrem nas pênas do artigo 69 do codigo *Vergalho* sem recurso para qualquer instancia superior.»

As pênas a que se refere o supra citado artigo são: pela primeira vez, encarcerados na enorme gaióla dos *jaqueiros*, que para esse fim já mandamos construir, publicando-se em seguida as iniciaes do seu nome; não pagando, porém, até ao numero immediato, ser-lhe-ha publicado não só o nome por extenso mas, quantia, morada, etc. e tal... pontinhos...

Cautéliinha, carissimos *hermanos*, que elle é da pelle...

## Instantaneos

Quem devia adorar Christo e só no diabo tem fé?

O Robinet.

Quem é que fossa nos trapos e nunca lava o socinho?

O Davidinho.

Quem pede bullas p'ra enterros o republicano é do gema?

O Silva da Sema.

Quem por graça, calculamos, nos não paga o *Sardãozinho*?

O Eugeninbo.

Quem suppozemos gallinha e afinal saa-nos um gallo?

O Prior Goncalo.

Quem queria camoezas mas no dedo fica a chuchar?

O Baltazar.